Casa da
Cultura de
Paredes

2 – 3
Abril
2022

Fundação
A Lord

Matéria Cruzada I

Concepção
NUNO AROSO
e DIANA FERREIRA

Design
CARLOS SANTOS

Produção
ARTE NO TEMPO

Promotor
Município de Paredes

Outros apoios

dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

Matéria Cruzada I

Sábado, dia 2 de Abril – Casa da Cultura de Paredes

16h30 | debate

Direitos e género
Catarina Furtado, Beatriz Meireles

18h00 | recital de música de câmara

ars ad hoc

Domingo, dia 3 de Abril – Fundação A Lord

16h30 | debate

Como nasce um objecto artístico?
Nuno Aroso, João Reis e Gonçalo M. Tavares

18h00 | espectáculo

A Fog Machine e outros poemas para o teu regresso

Sábado, dia 2 de Abril
Casa da Cultura de Paredes

Se entre as classes dominantes da actualidade a desigualdade de género tem vindo a esbater-se no que respeita à distribuição de responsabilidade, da ocupação de lugares de chefia ou na retribuição salarial, certo é que há ainda um longo caminho a percorrer para que a igualdade de direitos seja universal. Catarina Furtado fala-nos do trabalho que tem vindo a desenvolver na consciencialização para a mudança de práticas no que toca a saúde materna, saúde sexual e reprodutiva, planeamento familiar, igualdade de género e Direitos Humanos de meninas, raparigas e mulheres, aqui em diálogo com Beatriz Meireles, vereadora do município de Paredes que tem apostado num trabalho de combate e prevenção à violência doméstica e de género.

16h30 | debate

Direitos e género
Catarina Furtado, Beatriz Meireles

Catarina Furtado (Lisboa, 1972) É apresentadora, actriz, autora e documentarista, tendo recebido em 2005 a Comenda da Ordem de Mérito pelo Presidente da República Jorge Sampaio. Em 2000, foi convidada pelo secretário-geral das Nações Unidas Koïi Annan para ser Embaixadora de Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA) – missão que assumiu em regime de voluntariado e que tem vindo a ser renovada pelo UNFPA, com base no trabalho desenvolvido, quer em Portugal, quer nos países em desenvolvimento. Tem participado em diversas conferências internacionais da ONU, onde, além de partilhar as suas experiências de terreno, apoia e promove as diferentes abordagens às temáticas do UNFPA, incluindo saúde materna, saúde sexual e reprodutiva, planeamento familiar, igualdade de género e Direitos Humanos de meninas, raparigas e mulheres. É co-autora dos documentários "Dar Vida Sem Morrer", realizados na Guiné-Bissau, e das séries "Príncipes do Nada", exibidas na RTP em 2006, 2010, 2012, 2017 e 2020, e tem sido o rosto de várias campanhas contra a discriminação. Fundou a associação Corações Com Coroa em 2012 e, enquanto embaixadora do UNFPA, continua a visitar países em desenvolvimento, reunindo-se com agentes de decisão técnica e política, organizações da sociedade civil, comunicação social, escolas e populações locais. Como actriz, participou já em vários filmes, peças de teatro e locuções. Com regularidade, escreve artigos de opinião para a imprensa e é autora de três livros: "Os meus olhos de Afonso" (Oficina do Livro, 2005), "O que vejo e não esqueço" (Esfera dos Livros, 2015) e "Adolescer é Fácil #SóQueNão" (Porto Editora, 2019).

Beatriz Meireles (Paredes, 1985) É advogada, licenciada e mestre pea Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa. É vereadora do Município de Paredes, eleita pelo Partido Socialista, desde 2013. Frequentou quatro cursos de pós-graduação no Centro de Direito Biomédico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (Responsabilidade Médica, Processo Clínico e Segredo, Consentimento Informado, Direito da Farmácia e do Medicamento), frequentando ainda o Curso de preparação para o Centro de Estudos Judiciários – Faculdade de Direito da Universidade Portucalense (Porto). Coordena a Revista Cultural do Município de Paredes – Orpheu Paredes e o Café Literário, entre outros projectos. Escreveu algumas crónicas e contos para jornais locais. Em 2019, publicou a sua primeira novela – "Depois da Morte (um amendoal em flor)" e, em 2020, "O Visconde das Camélias Carmesins".

18h00 | recital de música de câmara

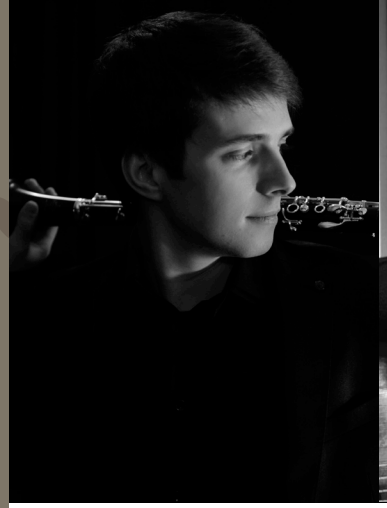
Música no feminino

ars ad hoc

O espírito do tempo dita que, no Presente e a nível internacional, em caso de dúvida, seja uma mulher a ocupar as mais destacadas posições nas estruturas culturais (e não só). Desta forma, mesmo que em hiper-correcção, procura-se inverter o sistema social conhecido como patriarcado.
Na música há inúmeras intérpretes, assim como compositoras, programadoras, produtoras, maestrinas, directoras de teatros de ópera, enfim, as mulheres têm assumido cada vez mais um papel de destaque em toda a cadeia de criação e produção.
Com o programa aqui apresentado por um conjunto de intérpretes masculinos, pretendemos dar a conhecer uma ínfima parte da produção de compositoras dos séculos XIX, XX e XXI para os três instrumentos representados: o clarinete, o violoncelo e o piano.

Começamos com uma obra nossa contemporânea, com menos de dez anos de existência, da compositora italiana **Clara Iannotta (1985)**. Com menos de quarenta anos, doutorada pela Universidade de Harvard e mestre pelo Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris, Iannotta desenvolve não só um singular trabalho na área da composição musical, distinguido com inúmeros prémios internacionais de que se destaca o Prémio de Composição Ernst von Siemens (2018), mas também enquanto programadora, responsável pelo festival internacional Bludenzer Tage zeitgemäßer Musik (2014–2023). O título "The people here go mad. They blame the wind" [2013-14] é retirado de um poema da jornalista e poetisa irlandesa Dorothy Molloy (1942-2004), cujo trabalho tem vindo a influenciar a compositora em diferentes obras musicais. Este verso em especial fez a compositora evocar uma experiência acústica que experimentara meses antes nos subúrbios de Boston, em que uma curta rajada de vento fez soar sinos de metal pendurados em diversas portas. Inicialmente, e durante alguns anos, esta peça fez uso de uma máquina construída com diversas caixas de música. A necessidade de tornar a obra tocada em diferentes pontos do mundo fez com que a compositora transpusesse a parte das caixas de música para electrónica, tal como aqui se escuta.

A harpista **Clotilde Rosa (1930 – 2017)** chegou relativamente tarde ao mundo da composição. A criação contemporânea fazia, no entanto, parte da sua prática corrente, tendo integrado desde o primeiro momento o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, fundado na Primavera de 1970 por Jorge Peixinho, que a incentivou a iniciar trabalho em composição. Teve um importante papel enquanto professora no Conservatório Nacional de Lisboa (instituição em que também estudou e ensinou Análise e Técnicas de Composição), onde introduziu, pela primeira vez em Portugal,



Horácio Ferreira › clarinete
Gonçalo Lélis › violoncelo
João Casimiro Almeida › piano

Clara Iannotta (1985)
"The people here go mad. They blame the wind" [2013-14] ca 10'
clarinete baixo, violoncelo, piano e electrónica

Clotilde Rosa (1930 – 2017)
Divertimento [1987] ca 5'
clarinete solo

Louise Farrenc (1804 – 1875)
Trio in Eb, Op. 44 – II [1854–56] ca 6'
clarinete, violoncelo e piano

Fanny Mendelssohn (1805 – 1847)
Nocturno em sol menor [1838] ca 5'
piano solo

Nadia Boulanger (1887 – 1979)
Três peças para violoncelo e piano [1911] ca 7'

Clara Schumann (1819 – 1896)
Trio Op. 17 – III e IV [1846] ca 12'
arranjo para clarinete, violoncelo e piano
(do original para violino, violoncelo e piano)

música contemporânea no programa curricular da harpa. No seu curto Divertimento [1987] para clarinete solo, Clotilde Rosa deambula livremente, explorando sons multifónicos, sem perder a referência de uma nota fundamental com que começa e acaba a obra.

Nadia Boulanger (1887 – 1979) destacou-se sobretudo como professora e maestrina, tendo ensinado muitos dos mais proeminentes compositores, solistas e maestro do século XX (como John Chowning, Daniel Barenboim, Elliott Carter, John Eliot Gardiner e Astor Piazzolla, entre muitos outros). Foi a primeira mulher a dirigir várias das mais importantes orquestras da Europa e Estados Unidos da América, dirigindo várias estreias absolutas de obras de compositores como Aaron Copland ou Igor Stravinsky. Acreditando menos do que o seu professor, Gabriel Fauré, na sua própria habilidade para a composição, Nadia Boulanger desistiu de compor, deixando um legado que deixa adivinhar a qualidade do que poderia ter vindo a escrever, entre o qual se encontra Três peças para órgão [1911], de que a própria haveria de fazer um arranjo para violoncelo e piano, em 1914.

Menos divulgada é, provavelmente, **Louise Farrenc (1804 – 1875)**. Tal como Boulanger, compositora, pianista e professora francesa, Farrenc cresceu rodeada de artistas, tendo alcançado o sucesso enquanto pianista nos anos trinta. Em 1842, tornou-se professora no Conservatório de Paris, sendo a única mulher a conseguí-lo em todo o século XIX. Aí ensinou durante trinta anos, sendo uma das mais célebres professoras de piano da Europa do seu tempo. Também no campo da composição conseguiu a aprovação de compositores como Hector Berlioz e Robert Schumann, escrevendo maioritariamente para o seu instrumento, mas também três sinfonias e um concerto para piano; é, aliás, na música de câmara que a sua obra atinge maior interesse, destacando-se o Noneto op. 38 [1849], graças a cujo sucesso pôde exigir o mesmo pagamento que os seus colegas do género masculino do Conservatório de Paris. O Trio em Mi bemol op. 44 [1854-56], de que aqui apresentamos o segundo andamento, foi publicado em 1861 como "Trio pour Piano, clarinet ou violon, et violoncelle".

Ambas alemãs, **Clara Schumann (1819 – 1896)** e **Fanny Mendelssohn (1805-1847)** encontram-se entre as mais célebres personalidades femininas do mundo da música anterior ao século XX, talvez não tanto porque as suas obras sejam verdadeiramente divulgadas, mas porque a sua história permanece associada à de dois compositores mais conhecidos, ficando o seu trabalho pessoal injustamente na sombra destes. Clara Wieck, filha do notável Friedrich Wieck com quem Robert Schumann procurava aperfeiçoar a técnica instrumental, estudou piano desde os cinco anos de idade com o próprio pai, que se opôs ao romance da jovem Clara com Robert. A brilhante pianista, que desde os treze anos dava concertos, teve que esperar pela maioridade (na altura, vinte e um anos) para poder finalmente casar com um Robert Schumann nove anos mais velho. Apesar de Schumann encorajar Clara a continuar a escrever, esta pôs a sua criatividade muito mais ao serviço da divulgação da obra do marido, enquanto intérprete, do que na criação de música assinada por si própria. Também a doença de Robert e a necessidade de garantir a subsistência da família fizeram com que o palco ocupasse um lugar central no seu trabalho, pelo que apenas chegam até nós algumas peças suas para piano, canções, um concerto para piano e o Trio em sol menor op. 17 [1846], para violino, violoncelo e piano, de que aqui damos a escutar os dois últimos andamentos, numa transcrição para clarinete, violoncelo e piano.
Fanny Hensel, nascida Fanny Cäcilie Mendelssohn Bartholdy, é a irmã mais velha do célebre Felix Mendelssohn, a quem este não hesitava reconhecer a superioridade ao piano. Na relação de enorme proximidade entre os dois irmãos gerou-se um ambiente

de mútuo desafio altamente estimulante a nível musical e intelectual. Tendo usufruído da mesma educação musical que Felix, Fanny seria tão talentosa como o irmão, exercendo um papel relevante na definição do estilo musical de Felix enquanto sua conselheira musical. Reza a história que, aos 13 anos, já a jovem pianista conhecia de cor a totalidade dos 48 prelúdios e fuga do Cravo Bem Temperado de J. S. Bach. Porém, a sua condição social não lhe permitia mais do que tocar no seu círculo privado, ou nos concertos que mais tarde organizava na casa da família, em Berlim. Também Felix encorajava a irmã a escrever música, embora a desaconselhasse a publicar, fosse por reprodução de valores culturais herdados, fosse por ciúme ou medo de competição. Apesar da sua correspondência nos dar conta de uma mulher inteligente e seguríssima de si, vibrante e de uma esplendorosa vida intelectual, a verdade é que também não esconde a falta de confiança na sua própria criatividade musical, denunciando a necessidade da aprovação do irmão.
Do seu catálogo consta meio milhar de obras, entre as quais mais de uma centena de peças para piano solo, duas centenas e meia de canções, uma abertura orquestral, quatro cantatas, um trio com piano e um quarteto com piano.

O **ars ad hoc** foi criado no contexto da Arte no Tempo como resposta à vontade de fazer música de câmara com os mais elevados padrões de exigência, combinando obras do grande repertório com a mais recente criação musical.
O primeiro concerto decorreu no Outono de 2018, numa temporada apoiada pela Direcção Geral das Artes e o Município de Aveiro, em que pôs em confronto música de grandes clássicos com o trabalho de um dos mais interessantes criadores do nosso tempo, o compositor suíço-austríaco Beat Furrer (Schaffhausen, 1954), que, em Março de 2019, marcou presença na segunda edição da bienal Reencontros de Música Contemporânea, trabalhando com o ars ad hoc a estreia nacional do seu quinteto *intorno al bianco [2016]*.
Na atribulada temporada de 2019/20, o ars ad hoc prestou particular atenção à música de Ludwig van Beethoven (1770-1827) e de Luís Antunes Pena (1973), tendo ainda revisitado Furrer e interpretado obras tão extraordinárias como *Talea [1982]*, de Gerard Grisey (1946-1998). Além da sua "temporada regular", o ars ad hoc marcou presença em alguns festivais, estreando obras encomendadas a compositores portugueses e estrangeiros.
Ainda condicionada pela pandemia de COVID-19, a temporada de 2020/21 trouxe algumas estreias nacionais e absolutas, tendo o ano de 2021 ficado positivamente marcado pelo início da colaboração do agrupamento com a Fundação de Serralves, onde passa a desenvolver as suas residências artísticas.
2021/22 conta com uma atenção especial à música de Simon Steen-Andersen (1976), a estreia absoluta de obras de compositores portugueses e o lançamento de um vídeo documental, entre outros projectos. Em Serralves, o ars ad hoc encontra agora o ambiente adequado ao desenvolvimento de um trabalho sério de preparação e de apresentação do que tem vindo a desenvolver especificamente no campo da música dos nossos dias, enquanto outras colaborações trazem a público a sua versatilidade na conjugação de música contemporânea com obras incontornáveis do grande repertório clássico e romântico.
Com programação de Diana Ferreira, o ars ad hoc é formado por músicos ainda jovens que, depois de se terem notabilizado em Portugal, complementaram os seus estudos no estrangeiro, como o clarinetista Horácio Ferreira (Pinheiro de Ázere, 1988 – ESMAE/IPP, Escuela Superior de Musica Reina Sofia), o violoncelista Gonçalo Lélis (Aveiro, 1995 – Escuela Superior de Musica Reina Sofia, Univ. Minho, Hochschule für Musik Detmold) e o pianista João Casimiro de Almeida (Cabeceiras de Basto, 1994 – ESMAE/IPP, Conservatoire National Supérieur de Musique et Danse de Paris), entre outros.

arsadhoc.artenotempo.pt

Domingo, dia 3 de Abril
Fundação A Lord

16h30 | debate

Como nasce um objecto artístico?
Nuno Aroso, João Reis e Gonçalo M. Tavares

De uma ideia poética, semente lançada por um músico mais criador do que mecânico, nasceram um texto e diferentes obras musicais, independentes entre si, mas todos construídos com o intuito de se materializar num espectáculo uno, em que palavra, som e luz se complementam, reinterpretados por três agentes criativos distintos: o músico/criador Nuno Aroso, o encenador/actor João Reis e o desenhador de luz Pedro Fonseca. O produto não é já uma imagem da semente, mas uma entidade distinta, fruto de diferentes leituras de uma mesma ideia, passagem do virtual ao objecto artístico partilhado com o público que, por sua vez, o recebe de forma singular.
Nuno Aroso, João Reis e Gonçalo M. Tavares abordam, nesta conversa, o papel de cada um neste trabalho de conjunto, em grande parte realizado de forma individual.

18h00 | espectáculo

A Fog Machine e outros poemas para o teu regresso
Nuno Aroso e João Reis

Ideia original e interpretação: **Nuno Aroso**
Encenação e interpretação: **João Reis**
Texto: **Gonçalo M. Tavares**
Música: **João Pedro Oliveira, Arturo Fuentes, Martín Bauer, Lei Liang**
Operação e Desenho de luz: **Pedro Fonseca**
Video: **João Reis** e **Jorge Aroso**
Operação de som: **Carlos Lopes**

Gonçalo M. Tavares (1970) | Nevoeiro* [2020]
Lei Liang (1989) | Garden Eight [1996/2004/2021]
Arturo Fuentes (1975) | Tirar o som do tempo* [2021]
João Pedro Oliveira (1959) | City Walk* [2020]
Martín Bauer (1945) | Dedicatorias** [2015/ 2021]

* encomenda da Arte no Tempo, financiada pela Direcção Geral das Artes.
** arranjo da obra original, encomendado pela Arte no Tempo e financiado pela Direcção Geral das Artes.

A fog machine e outros poemas para o teu regresso é um projecto de Nuno Aroso que combina música de diferentes compositores com um novo trabalho de Gonçalo M. Tavares e encenação de João Reis, que também contracena com o músico.

Uma das características do trabalho de Nuno Aroso é a constante procura poética na música. Num momento muito particular do seu recheadíssimo percurso, Aroso desafia um grupo de criadores a juntar-se-lhe na materialização de um projecto de carácter íntimo sobre a passagem do tempo e o fascínio pela palavra. Além de música composta ou arranjada para *A fog machine e outros poemas para o teu regresso*, o projecto conta com um novo texto de Gonçalo M. Tavares, esqueleto em torno do qual se desenha o corpo dramático e a encenação de João Reis, que também contracena com Nuno Aroso neste concerto/espectáculo sobre o tempo, a existência e as máquinas de nevoeiro, metáforas do passado e do futuro.
A componente musical engloba três encomendas da Arte no Tempo, com financiamento da Direcção Geral das Artes - o arranjo de um original de Martín Bauer, uma peça em estreia absoluta do mexicano Arturo Fuentes e uma composição de João Pedro Oliveira - e uma obra do compositor sino-americano Lei Liang.

"Um péssimo início, um esplendoroso fim, eis o que aceito e até quero: que o fim seja um puro modo de chegar ao que é melhor e logo de seguida desaparecer."

Gonçalo M. Tavares | excerto de Nevoeiro,
para A Fog machine e outros poemas para o teu regresso

Alimentar o pensamento e a imaginação com imagens resgatadas a partir da memória é um labirinto cheio de mistérios e caminhos infindáveis.
Reencontros que produzem, quase sempre, dúvidas que convocam a incerteza e uma certa melancolia, uma espécie de nevoeiro que, nestes tempos modernos e de vertiginosa aceleração, nos obrigam a reflectir sobre o caminho ou os caminhos a tomar.
A máquina de fumo surge, assim, como metafórica projecção de um futuro nublado, mas que encontra o seu sentido e o seu devir a partir de uma inevitável colisão entre a música e as palavras que voam mil metros acima do mapa das coisas terrenas.

João Reis

Professor, Investigador e solista de percussão com intensa actividade concertística, **Nuno Aroso (Porto, 1978)** desenvolve a sua carreira focado no desenvolvimento da literatura para a sua área instrumental. Tocou em estreia absoluta mais de 120 obras, concertos para percussão, música de câmara e solo, e gravou parte deste repertório em inúmeras edições discográficas (Wergo, Groove Scooter Records, Modermusix, Clean Feed, Cavalli Records, entre outras). Apresenta-se ao vivo em palcos de Portugal, França, Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália, Eslovénia, Brasil, China, Tailândia, Suíça, África do Sul, Argentina, Grécia, Suécia, Inglaterra, Canadá, Bulgária, Tunísia, Escócia, Coreia do Sul, Japão, Chile e EUA. Particularmente motivado para o enriquecimento e renovação da forma do concerto enquanto espectáculo completo e multidisciplinar, desenvolve com frequência relações artísticas com outras disciplinas: Dança, Cinema, Teatro, Literatura, "Media Arts". O compromisso com a música de câmara leva Nuno Aroso a colaborar com inúmeros artistas e colectivos portugueses e europeus, em múltiplos contextos, desde os mais formais até aos que se movem por caminhos do experimentalismo e da improvisação. Fundou o Clamat - Centro para a Inovação, Difusão e Desenvolvimento da Percussão, em 2020. Neste centro funciona uma Academia de alto rendimento, um centro de investigação e o Clamat - Colectivo Variável, ensemble que se dedica à nova música para percussão. Nuno Aroso licenciou-se pela Escola Superior de Música do Porto com a classificação máxima e prosseguiu estudos em Estrasburgo e Paris. É doutorado pela Universidade Católica Portuguesa, onde defendeu a tese The Gesture's Narrative – Contemporary Music for Percussion. Lecciona no Departamento de Música da Universidade do Minho e na Universidade Alfonso X - el Sábio, em Madrid. Estende a sua actividade docente a outras universidades, conservatórios e festivais de música um pouco por todo o mundo: McGill University (Canadá), Universidade Federal de Belo Horizonte (Brasil), Conservatório Superior de Aragão (Espanha), Concorso Musical Paolo Serrao (Itália), Festival de Percussão de Uberlandia (Brasil), Days of Percussion – Athens (Grécia), World Percussion Movement – Bari (Itália), Universidade Federal da Bahia (Brasil), Oficinas da Música de Curitiba (Brasil), Connect Festival – Mälmo (Suécia), Konart Percussion Academy Barcelona (Espanha), Universidade de la Plata (Argentina), Conservatório de Macau (China), Conservatório de Paris (França), Northwestern University (EUA), University North Texas (EUA), Festival de Percusion de Patagónia (Argentina), Valencia Percussion Academy, (Espanha), Manhattan School of Music (EUA).

João Reis (Lisboa, 1965) trabalhou com os encenadores ou em encenações de Ricardo Pais, Nuno Carinhas, João Lourenço, José Wallenstein, Luís Miguel Cintra, Giorgio B. Corsetti, Jorge Lavelli, Carlos Pimenta, Rui Mendes, Miguel Guilherme, Marcos Barbosa, António Pires, José Neves, Carlos Avillez, Duarte B. Ruas, Adriano Luz, Pedro Mexia, Mário Feliciano e Michel Van der Aa.
Em textos de Schnitzler, Shakespeare, Jarry, Ionesco, Genet, Fassbinder, Gil Vicente, Calderón, Botho Strauss, Jacinto L. Pires, Eric E. Schmitt, Bukowski, Thomas Otway, Pessoa, Duras, Shawn, Stoppard, O'Neill, Corneille, entre muitos outros.
Pelo Teatro Nacional São João esteve em Roma, Reims, Madrid, Santiago de Compostela e São Paulo.
Encenou excertos das "Três Cartas da Memória das Índias" de Al Berto no Teatro São João em 1999 e "Transacções" de David Williamson no Teatro Maria Matos em 2009.
Leitura encenada do Sermão de Santo António aos Peixes do Padre António Vieira no Festival da Artes em Coimbra, 2013.
Em 2015, criou e interpretou, numa dupla com Ana Nave, " Portugal, Meu Remorso" a partir da obra de Alexandre O'Neill, com estreia no Teatro São Luiz em Lisboa. Ainda

em 2015, encena "Neva" de Guillermo Calderón, uma co-produção com o Teatro São João e o Teatro São Luiz.
Actor em concertos com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Sinfónica do Porto, a Orquestra Gulbenkian e o Remix Ensemble na Casa da Música. Colaborou em recitais com o pianista Nuno Vieira de Almeida e os Divino Sospiro.
No cinema foi actor em filmes de João Canijo, Fernando Lopes, Rita Azevedo Gomes, Ruy Guerra, Manoel de Oliveira, Vicente Alves do Ó,
Luis Filipe Rocha, Edgar Pêra, Tiago Guedes e Pedro Sena Nunes.
Para televisão fez inúmeras séries e novelas. As mais recentes: "E Depois do Adeus" para a RTP e "Coração D'Ouro" para a SIC.
Foi co-responsável pelo projecto "Os Sons, Menina!..." teatros radiofónicos, como realizador e autor no âmbito de uma iniciativa do Teatro Nacional São João.

Pedro Fonseca, licenciado em Língua e Cultura Portuguesas (ramo científico) pela Universidade da Beira Interior (Covilhã), tem repartido a sua actividade pela produção, iluminação de cena/sonoplastia e design gráfico, destacando a participação com diferentes entidades e instituições, tais como o CENTA – Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas, a Quarta Parede – Associação de Artes Performativas da Covilhã, a Moagem – Cidade do Engenho e das Artes, Circolando, CRL, d'Orfeu – Associação Cultural, Teatro das Beiras, ASTA – Associação de Teatro e outras Artes, Arte no Tempo, Terceira Pessoa Associação, Sport Clube Operário de Cem Soldos, O Teatrão, entre outras.
Integrou igualmente a equipa técnica e/ou coordenação técnica de diversos festivais, dos quais são exemplo o Festival Bons Sons, Festival Y, Festival O Gesto Orelhudo, FESTIM – Festival Intermunicipal de Músicas do Mundo, Festival Materiais Diversos, PT.15 – Portuguese Platform for Performing Arts, e espaços de programação regular, no caso, A Moagem – Cidade do Engenho e das Artes, o Centro de Artes do Espectáculo de Sever do Vouga, o Teatro Académico de Gil Vicente (Coimbra) e o projecto 23 MILHAS/Município de Ílhavo.
Ao nível da produção, a sua actividade reparte-se por projectos de criação e pedagógicos, festivais e espaços de programação.
Colaborou, entre outros, com os criadores Ana Trincão, Carlos "Zíngaro", Fernando Mota, Filipa Francisco, Florian Bilbao, Graça Ochoa, Harvey Grossmann, Iris Julian, Joana Capucho, João Bento, Leonor Barata, Ludger Lamers, Mafalda Saloio, Marco António Rodrigues, Maria Vasconcelos, Mathilde Monnier, Miguel Pereira, Monsenhor enVide neFilibata, Patrick Murys, Paula Sá Nogueira, Ricardo Jacinto, Tiago Cutileiro, Vera Alvelos, Vera Mantero e Yola Pinto.
Durante os últimos anos, tem investido algum do seu tempo na criação de projectos pessoais e em parceria com outros criadores, nomeadamente através do desenvolvimento de objectos multidisciplinares sob a forma de instalação (visual e sonora) com uma forte componente de interacção com o público.
Desenvolve ainda trabalho ao nível da carpintaria/marcenaria e agricultura.

Gonçalo M. Tavares (Angola, 1970), poeta e romancista português, recebeu os mais importantes Prémios em Língua portuguesa como o Prémio José Saramago, Prémio LER/Millennium BCP, Prémio Branquinho da Fonseca, Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores e Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores "Camilo Castelo Branco". Os seus livros deram origem a peças de teatro, objectos artísticos, vídeos de arte, ópera, etc. A sua obra está traduzida e distribuída por quarenta e cinco países.

Mundialmente aclamado, **Lei Liang (China, 1972)** é um dos mais reconhecidos compositores chineses. É Professor na Universidade da Califórnia, San Diego e Director Artístico do Centro de Pesquisa Musical Chou Wen-Chung, na China. O catálogo de Lei Liang, com mais de cem composições, é publicado pela Schott Music Corporation (Nova York). Os seus interesses de âmbito social, antropológico e filosófico têm forte influência na sua música.

Nascido na Cidade do México em 1975, o percurso musical de **Arturo Fuentes** levou-o a viver em Milão, Paris, Innsbruck e Viena. Tem criado um catálogo muito diversificado, com incursões pela música de cena, cinema, ou formações de câmara e solo. É mundialmente reconhecido pela originalidade das suas propostas. A sua produção atinge uma centena de obras, publicadas na íntegra pela editora LondonHall.

João Pedro Oliveira (Portugal, 1959) é um dos mais destacados compositores no panorama mundial da música electroacústica. Obteve centenas de prémios de composição ao longo do seu percurso e a sua música foi já tocada em todas as salas de referência do globo. É actualmente professor catedrático na Universidade de Santa Bárbara, Califórnia.

Residente em Buenos Aires, **Martín Bauer (Argentina, 1962)** é músico, professor e gestor cultural. Dirigiu os Centros de Experimentación del Teatro Colón (CETC) e o Teatro Argentino de la Plata (TACEC), de Buenos Aires, dos quais foi fundador e actualmente é seu director geral e artístico. Dirige o programa Colón Contemporáneo, no Teatro Colón.

A **Arte no Tempo** é uma associação cultural sem fins lucrativos que tem como objectivo a divulgação da arte musical contemporânea através da promoção de eventos, do incentivo à criação e à interpretação, da edição e da realização de actividades performativas, podendo, para tal, estabelecer relações com outras formas de expressão artística.
Da sua actividade actual, destaca-se os projectos de criação e de divulgação, como as bienais alternadas **Reencontros de Música Contemporânea** e **Aveiro_Síntese** (música electroacústica), que realiza no Teatro Aveirense, ou o agrupamento de música de câmara **ars ad hoc**, com as suas residências regulares na Fundação de Serralves, onde apresenta programas de música actual com os mais elevados padrões de exigência, e concertos um pouco por todo o país e no estrangeiro, onde combina a interpretação de música contemporânea com obras incontornáveis do grande repertório.
Salienta-se também a criação regular de projectos cénicos e de projectos comunitários (o último dos quais foi o Coro dos Pequenos Cidadãos, apoiado pelo programa Cidadãos Ativ@s), a realização de actividades de formação de músicos (como o **Nova Música para Novos Músicos**, que se traduz na realização de oficinas em escolas do ensino artístico especializado de música, um estágio de música de conjunto associado às bienais da Arte no Tempo e, ainda, a encomenda e publicação de partituras de novas peças destinadas a músicos em formação; ou o **Festival Itinerante de Percussão**), a manutenção de actividades de mediação e desenvolvimento de públicos (como as sessões de escuta partilhada **Que música ouvimos?**, maioritariamente destinadas a um público adulto, e as actividades desenvolvidas em contexto escolar crescer com a música) e a curadoria de concertos de música de câmara com a mais recente criação musical, associada a actividades de formação, de que são exemplo os **Tubos de Ensaio**, a que se soma ainda a linha de itinerância **estrada fora**.

Matéria Cruzada I

arte no tempo

CÂMARA MUNICIPAL PAREDES